



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024.
xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes

A elaboração e aplicação curricular em psicologia foi sempre um tema polêmico. Entre 1962 e 2004, os cursos de graduação foram regidos por um currículo mínimo definido por ocasião do reconhecimento da profissão em 1962. Esse primeiro currículo consistia em um modelo clássico de formação em psicologia. O quadro curricular contemplava as diferentes áreas e as disciplinas afins, destinando considerável quantidade de tempo para a iniciação aplicada por meio de estágios. Tal formação era generalista, procurando propiciar amplas possibilidades de empregabilidade aos recém graduados. O currículo mínimo não incluía uma disciplina de história da psicologia. Mesmo assim, alguns cursos sabiamente ofereciam a disciplina.

As diretrizes curriculares da Resolução CNE/ CES n. 08, 2004, 7 de maio, trouxeram uma nova visão pedagógica, buscando o aprimoramento da formação profissional com a centralidade didática na construção de habilidades e competências. As diretrizes não traziam uma lista de disciplinas, mas um conjunto de princípios e temas organizados em seis eixos estruturantes: 1) fundamentos epistemológicos e históricos, 2) fundamentos teórico-metodológicos, 3) procedimentos para a investigação científica e a prática profissional, 4) fenômenos e processos psicológicos, 5) interfaces com

campos afins do conhecimento, e 6) práticas profissionais. A Resolução CNE/CES 8/2004 passou por duas revisões com as Resoluções CNE/CES 5/2011 e 1/2023 que reafirmaram os seis eixos estruturantes, apenas alterando a ordem. O eixo 3 passou a ser o 4, e o eixo 4 passou a ser o 3.

Destes seis eixos, destaque-se o primeiro, cuja competência é demonstrar proficiência para a análise crítica dos argumentos utilizados na proposição de diferentes teorias e metodologias. Sendo assim, a disciplina de história da psicologia foi reconhecida como parte dos fundamentos da formação e deve constar no currículo de todos os cursos. Nesta nova concepção, os campos da epistemologia e da história da psicologia passam a ser parte fundamental e indispensável à formação.

O estudo dos fundamentos epistemológicos e históricos reveste-se de vital importância para a formação do psicólogo, pois ressaltam a unidade da vida psíquica, apesar das muitas diferenças entre teorias, métodos e práticas. Com efeito, o crescimento dessas pesquisas e práticas poderiam respaldar formações independentes em diversas especialidades. Mesmo assim, elas estariam vinculadas pelo interesse na compreensão da psique e das ações humanas, e na comparação entre a vida psicofisiológica de animais humanos e não humanos, em suas individualidades e sociabilidades. Uma disciplina de história da psicologia bem articulada e embasada é um convite para a revisão das ideias que vieram a constituir o pensamento psicológico em suas mais expressivas e diferenciadas manifestações: filosofia, arte, ciência, política e a vida cotidiana. Assim, a

402

organização da disciplina deve abranger vários aspectos, entre os quais: a composição do argumento historiográfico, a perspectiva de quem escreve a história, a perspectiva de quem lê a história, o contexto religioso, político e econômico das diferentes épocas, e o pressuposto epistemológico ou mesmo ideológico.

O presente capítulo tem como objetivo sugerir um modelo para a análise estrutural de teorias como parte do estudo da história do pensamento psicológico. A ideia é incentivar que disciplinas sobre a história do pensamento psicológico colaborem com o desenvolvimento de habilidades para interpretações conceituais e metodológicas. Por exemplo, o que é o psiquismo e quais as metodologias utilizadas para o estudo deste conceito. Por sua vez, tais conceitos vieram de ou levaram à diferentes premissas metafísicas (o que é a natureza humana), e éticas (como lidar e intervir no comportamento humano). Como resultado, a disciplina poderá contribuir não somente para o conhecimento histórico, mas para a habilidade da análise epistemológica. O capítulo está organizado em três partes: 1) apresentação do modelo de análise estrutural, 2) justificativas para a utilização didática do modelo, e 3) exemplos de análise estrutural na psicologia animista, na filosofia da Grécia Antiga e do Cristianismo Medieval, e na comparação das filosofias modernas de Benedictus de Spinoza (1632-1677) e John Locke (1632-1704).

O MODELO DE ANÁLISE ESTRUTURAL

O termo *modelo de análise estrutural* requer justificação. O APA *Dictionary of Psychology* (VandenBos, 2015) define o termo modelo (*model*) como uma

representação gráfica, teórica ou outra qualquer que possa ser usada com propósito investigativo ou demonstrativo. No entanto, Lanigan (1992) advertiu que um modelo, apesar de sua praticidade e promessa, é apenas um critério representativo incompleto e limitado. O termo análise é definido por Hjelmlev (1961) como o conjunto de procedimentos utilizados na descrição de um objeto com o propósito de estabelecer as relações entre as suas partes. O termo estrutura refere-se a um todo orgânico ou a um sistema que pode ser descrito e analisado (ver Bastide, 1972).

O presente modelo consiste em uma análise estrutural orientada por quatro perguntas: o que é; como é; por que é; para que é. Essas perguntas permitem identificar, em cada época ou em cada teoria, o que se sabe sobre o seu objeto, como tal objeto se tornou conhecido, por que se justifica com tal arrazoado lógico e, afinal, para que serve ou o que faz tal objeto que ocupa o centro de tal teoria. As quatro perguntas remetem tanto ao pensamento comum, quanto às nossas crenças. Por conseguinte, também encaminha para a análise das teorias filosóficas e psicológicas.

As quatro perguntas estão associadas às quatro divisões da filosofia: metafísica (o que é?), epistemologia/gnosiologia⁵⁷ (como é?), lógica (por que é?), e axiologia (para que é?). Os quatro conceitos serão definidos a seguir com base no *Diccionario de Filosofia* de Ferrater Mora (1988) e no *Communicology: An*

⁵⁷ Gnosiologia ou gnoseologia, as duas grafias são aceitas no português brasileiro

Encyclopedic Dictionary of the Human Science de Lanigan (1992).

A metafísica divide-se usualmente em ontologia, que se ocupa de questões referentes aos vários tipos de entidades que compõem o universo, e em cosmologia que se preocupa com a natureza do universo. Típicas questões metafísicas são: o que é o ser humano e qual a sua relação com outras realidades do universo? O que é divindade, se uma (monoteísmo) ou várias (politeísmo)? Tais divindades existem ou não? O que é a imortalidade? Haveria outra modalidade de vida após a morte? Ou ainda, qual a ordem operante da natureza? Exemplos de questões metafísicas em teorias psicológicas são o monismo (realidade constituída de um princípio único), dualismo (realidade constituída de dois princípios, sendo eles matéria e alma); pluralismo (a admissão da existência de muitas realidades); e existencialismo (a primazia da experiência subjetiva). Na atualidade, a questão ontológica está associada à definição do objeto de uma abordagem teórica. As perguntas ontológicas, no caso do pensamento psicológico, podem ser: o que é intelecto e como este intelecto se relaciona com o corpo. Outras perguntas poderiam ser: que é afeto, cognição, conação e qual a relação entre essas três instâncias psicológicas. Desde meados do século passado as filosofias contemporâneas vêm reconhecendo que a realidade é estruturada em uma série de níveis integrativos e que cada nível pode servir de base para a emergência de níveis mais complexos (Feibleman, 1954; Hartmann 1953). No estudo da psicologia, diferentes níveis ontológicos foram instituídos como objeto e reivindicado como o único fundamento, por exemplo,

consciência, função, inconsciente, percepção, comportamento, cognição e, mais recentemente, neurocognição.

A epistemologia refere-se aos modos de aquisição e de validação do conhecimento. Esse sentido duplo para epistemologia decorre da influência das línguas alemã e inglesa em ciência e filosofia. Contudo, seria preferível seguir a tradição do italiano e do espanhol e empregar o termo gnosiologia, do latim *gnostologiam* que por sua vez procede do grego γνῶσις (*gnôsis*) para se referir à aquisição do conhecimento (Ferrater Mora, 1988). A aquisição ou gênese do conhecimento é tema da ciência psicológica, enquanto a validação do conhecimento é tema da filosofia da ciência. Assim, a gnosiologia ocupa-se do estudo da gênese e do desenvolvimento da cognição e de suas relações com os afetos e as ações. Epistemologia é essencialmente o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. De interesse da presente análise estrutural é a conjunção entre gnosiologia e ontologia, pois daí resulta o que se entende pela capacitação natural humana para sentir, aprender, pensar, querer, deliberar e agir. A ontologia aponta para uma natureza humana movida por afetos, sendo capaz de pensar, de querer e de deliberar. A questão gnosiológica é saber como surgem esses afetos, pensamentos, vontades e deliberações, como se desenvolvem ou se atrofiam. Seriam tais capacitações procedentes de um corpo-sujeito e em um nível consciente? Poderia haver alguma interferência de fatores inconscientes, ou haveria alguma participação de fatores extracorporais ou sobrenaturais? Assim, o estudo

gnosiológico está situado no âmago da ciência psicológica.

A lógica estuda as formas de pensar corretamente, isto é, para inferir a relação entre determinadas premissas e as suas conclusões. O ponto de partida para o estudo da lógica foi a filosofia de Aristóteles com os silogismos, nos quais a proposição de um enunciado encaminha à uma conclusão. Para a presente análise interessa destacar como enunciados ontológicos requerem procedimentos lógicos para justificar a relação entre as premissas ontológicas, gnosiológicas, metodológicas e éticas.

A axiologia ocupa-se da ética e da estética, examinando os valores humanos em suas formas de expressão e simbolização. Nesta demarcação filosófica estão as recomendações práticas para a educação, a saúde e a reeducação. Por contraste, cabe lembrar que os códigos profissionais de ética são reconhecidos como deontologias, indicando o conjunto de deveres profissionais diante das implicações imperativas dos respectivos objetos de trabalho (ontologia). Já os critérios éticos de pesquisa são examinados e supervisionados pela bioética. No caso da análise estrutural, o sentido de ética é mais abrangente, incluindo entendimentos sobre o bem, a liberdade, a moral, a educação, e os costumes em geral.

As quatro definições facilitam a diferenciação de dois termos recorrentes em estudos de psicologia: pluralidade e pluralismo. Essa distinção apareceu em um trabalho apresentado por Paul F. Ballantyne, um professor da *York University* no Canadá, na *International Society for the History of Behavioral and Social Sciences*

(Cheiron) em 1993. A distinção de Ballantyne contribuiu para o discernimento da condição multiestável do campo da psicologia, ou seja, seria uma psicologia ou seriam muitas psicologias? Assim, por pluralidade, o autor definiu o conjunto maior ou menor de objetos e de suas inter-relações que podem ser tomados como foco de um programa de pesquisa, de uma escola de pensamento, ou de uma tendência ética. Por sua vez, o pluralismo ocorre quando a abordagem se sobrepõe ao reconhecimento do objeto, sob o argumento de que objetos não passam de construções ou atribuições (Ballantyne, 1993; Gomes, 2021). Em suma, pluralidade se refere à ontologia; pluralismo se refere à epistemologia. Por sua vez, as inter-relações entre ontologia e axiologia, também indicadas em sentido lato como uma lógica metafísica, são hoje reconhecidas como ontoaxiologia, referindo-se a princípios ontológicos com entendimentos procedentes das aplicações (Bellino, 1997).

As mesmas quatro perguntas enunciadas acima também se aplicam aos quatro passos da pesquisa e comunicação científica: o que é investigado (definição de objeto, ontologia); como é investigado (definição de hipóteses e métodos, epistemologia), por que motivo é investigado deste modo (análise dos resultados, estatística, lógica), e para que serve a investigação (implicações dos achados para a ciência e para a prática). Dois comentários podem ser adicionados a essa comparação. O primeiro é para destacar a abrangência epistemológica que se refere tanto à metodologia (demarcação teórica que servirá como contexto da pesquisa), quanto ao método (descrição dos participantes, materiais, procedimentos e análise). A

408

segunda é para enfatizar que a axiologia inclui tanto a ética de pesquisa quanto a concepção estética que em ciência está na elegância da divulgação dos resultados em comunicações, artigos, livros e conferências.

Em síntese, o modelo de análise estrutural está assentado na definição ontológica de uma teoria, e como essa ontologia se mantém coerente com o que será definido como gnosiologia, epistemologia/lógica e axiologia. Por conseguinte, a proposição ontológica de uma teoria psicológica prescreve uma visão de desenvolvimento humano, aprendizagem, socialização, personalidade, psicopatologia, diagnóstico e psicoterapia, podendo privilegiar uma ou outra epistemologia. A função do estudioso do pensamento psicológico é saber distinguir, numa teoria, a relação entre a ontologia (o que é a psique), gnosiologia (como a psique é capaz de sentir, pensar e agir), epistemologia/lógica (porque esta teoria é válida), e ética (como essa psique tem que ser educada e cuidada).

POR QUE UM MODELO ESTRUTURAL DE TEORIAS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA?

O modelo para análise estrutural foi desenvolvido durante os meus 25 anos como professor de história da psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O desafio programático foi como encadear de forma coerente e atrativa as diversas etapas da formação do pensamento psicológico, de modo a fazer justiça à história e à relevância teórica. Para tanto, fui muito influenciado pelas visões historiográficas do suíço Fernand-Lucien Mueller (1903-1978), do britânico Leslie Spencer Hearnshaw (1907-1991), do americano Ernest

Hilgard (1904-2001), e pela visão semiótico-fenomenológica de Richard Lanigan (1943-). Os títulos dados por estes autores aos livros que me serviram de base são bem elucidativos: *Histoire de la Psychologie de L'Antiquité à nos Jours* (Mueller 1960/1968), *The Shaping of Modern Psychology - An Historical Introduction* (Hearnshaw, 1987), *Psychology in America - A Historical Survey* (Hilgard, 1987), e *The Human Science of Communicology* (Lanigan, 1992). Os dois primeiros autores trouxeram uma abordagem extensa e compreensiva à formação do pensamento psicológico, tendo como ponto de partida as primeiras manifestações da consciência humana. Mueller iniciou a sua narrativa pela Grécia Antiga com os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia* atribuídos a Homero (Séc. VIII AEC). Hearnshaw seguiu a mesma estratégia incluindo exemplos das crenças animistas dos aborígenes australianos. Outro aspecto valioso destes autores foi o cuidado com as fontes primárias, tanto para os filósofos mencionados quanto para os psicólogos que vieram depois. Hilgard é um excelente exemplo de como se lida com a história de uma ciência em um determinado país, reconhecendo as influências recebidas com suas derivações e desdobramentos, e seus principais personagens, atendo-se a uma narrativa sem relações ideológicas ou historicistas. Enfim, com a semiótica fenomenológica de Lanigan, aprendi a ter gosto pela análise e comparação de estruturas teóricas, procurando compreender seus propósitos e visões de mundo sem interferência das minhas preferências pessoais.

As dúvidas que podem surgir diante da abordagem oferecida pelo modelo estrutural referem-se

410

à sua pertinência, eficiência e aplicabilidade. A pertinência está na habilitação para identificar manifestações psicológicas e suas interpretações mitológicas, filosóficas e científicas nos diferentes períodos históricos. A eficiência está na capacitação para a análise lógica de teorias antigas e atuais, agregando respaldo ético à conduta científico-profissional, ou seja, à responsabilidade profissional diante dos serviços oferecidos. A aplicabilidade está na capacitação para a utilização dos muitos recursos que a ciência psicológica oferece, sabendo diferenciar, por exemplo, se a perspectiva dominante de uma teoria é ontológica (vai do objeto para o método), epistemológica (vai do método para o objeto), ontoaxiológica (vai da prática para o objeto), ou puramente metafísica (recorre ao sobrenatural).

A breve menção aos antecedentes históricos, filosóficos e científicos como apresentadas usualmente nos manuais de história da psicologia é insuficiente para que se entenda tanto o estreitamento conceitual dos modelos experimentais, como o alargamento conceitual das teorias abrangentes. Na verdade, esses manuais facilitam os primeiros contatos com a história da formação do pensamento psicológico, mas a brevidade pode levar a distorções quando não a omissões. Por exemplo, Greenwood (2009), que é uma bela história conceitual da psicologia e que não se caracteriza como breve história, omitiu o pensamento psicológico de Benedictus de Spinoza que tem contribuições reconhecidas para os conceitos de autopreservação, afeto, liberdade e inconsciente (Chauí, 1995).

A dificuldade que se apresenta ao estudo da formação do pensamento psicológico está no confronto ocorrido na segunda metade do século XIX entre a psicologia filosófica e a psicologia fisiológica. Para tanto, basta comparar dois remarcáveis compêndios de história da psicologia: *History of Psychology* de George Sidney Brett (1879-1944) e *A History of Experimental Psychology* de Edwin G. Boring (1886-1968). Os três volumes de Brett (2013), com a primeira edição publicada entre 1912 e 1921, cobrem da antiguidade aos inícios do século XX, com estudo minucioso de cada período. Em contraste, Boring (1950), cuja primeira publicação foi de 1929, traz uma organização peculiar. O autor inicia descrevendo a evolução do método científico da fisiologia grega à ciência biológica europeia no século XIX. Em seguida, trata da psicologia fisiológica do século XIX. Então, retorna à psicologia filosófica para mostrar os antecedentes da psicologia experimental moderna, indo até o início do século XX.

Em suma, Brett (2013/1912-1921) e Boring (1929/1950) trazem duas abordagens sobre a história da psicologia, o primeiro subsidiando as bases para o estudo da teoria psicológica, e o segundo mostrando a pertinência da psicologia experimental. Na atualidade, as duas abordagens se fazem necessárias para a compreensão do complexo campo geral da psicologia. A psicologia filosófica forneceu os primeiros objetos investigados pela psicologia experimental, assim como o escopo estrutural para a compreensão das manifestações afetivas, cognitivas e conativas. Por conseguinte, a exposição histórica do pensamento psicológico deve contemplar tanto os processos tomados como objetos

412

para experimentação ou aplicação, como a interligação entre processos que subsidiam as diferentes teorias.

APLICANDO O MODELO DE ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS

Um programa de ensino com base no modelo de análise estrutural de teoria move-se em torno de dois eixos centrais: 1) a procedência dos principais temas (objeto - ontologia e gnosiologia), argumentos (epistemologias e lógicas) e implicações práticas (ética) que caracterizaram a formação do pensamento psicológico; e 2) as modificações que esses temas, argumentos e implicações práticas sofrem ao longo do tempo e sob quais influências. A estratégia permite tanto estudar um determinado período histórico ou biografia de pensadores proeminentes, como pontuar uma formulação teórica e suas influências e implicações práticas. A seguir, darei três exemplos da aplicação do modelo: 1) a psicologia animista, para ressaltar a pertinência de se iniciar pelas civilizações mais remotas e para pontuar o desdobramento ontológico em seus mitos; 2) a psicologia da Grécia Antiga e do Cristianismo Medieval, para ilustrar a recomposição do argumento ontológico; e 3) as psicologias de John Locke e Benedictus de Spinoza, para demonstrar como estes autores atenderam as quatro perguntas do modelo estrutural.

NA PSICOLOGIA ANIMISTA

Wundt (1912/2013) introduziu o seu livro *Elementos da Psicologia dos Povos* (*Elemente der Völkerpsychologie*), argumentando que as bases das ciências mentais foram assentadas pelas primeiras

manifestações culturais, em suas linguagens, costumes, artes, magias, mitos e religiões. Frazer (1890/2009) caracterizou o pensamento das primeiras culturas como uma filosofia crua de vida. Com efeito, os primeiros humanos, ao se juntarem em grupos, buscaram explicações para o cosmo, para as interações sociais e para o sentido da própria vida. As narrativas sobre esse período histórico estão documentadas em estudos de biologia, arqueologia, antropologia e paleontologia. Na perspectiva evolucionista, a diferenciação cultural entre as várias espécies ocorreu em quatro aspectos, assim denominados: 1) assinatura - respostas comuns usadas na defesa aos predadores; 2) sinais - movimentos ou gestos para indicar alguma coisa na forma de uma comunicação convencional; 3) habilidades - construção e uso de ferramentas; e 4) símbolos - representações que sugerem ou substituem alguma coisa, podendo possuir valor evocativo, mágico ou místico (Herrera, Garcia-Bertrand & Salzano, 2016). Os primatas atendem aos três primeiros itens desta escala cultural, mas só os humanos atendem a todos os quatro. Os símbolos estão associados aos mitos, caracterizam-se como construção imaginativa humana e se apresentam na forma de cultos e rituais (comportamento simbólico), e de templos e ícones ou totens (lugares e objetos simbólicos). Curry (2008) apresentou evidências arqueológicas do que poderia ter sido o primeiro templo, interpretando a descoberta como um marco do início da civilização. Trata-se de enormes pedras esculpidas há mais de 11.000 anos por humanos que ainda não conheciam as ferramentas de metal ou mesmo a cerâmica. Este sítio arqueológico situa-se próximo à Urfa, uma cidade antiga no sudeste da

Turquia. Assim, atestam-se as primeiras manifestações da consciência humana pelas marcas rupestres deixadas em cavernas e pelos restos de construções descobertas por arqueólogos.

De interesse para o estudo do pensamento psicológico é a identificação de processos psicológicos como percepção, reflexão (consciência), imaginação, memória, vontade e comportamento. São processos que se manifestam pelo espanto diante dos fenômenos da natureza (temporais e trovões), pelos ataques de predadores (animais e outros humanos), e com a morte (consciência da finitude). Certamente, as perguntas subjacentes seriam como enfrentar e controlar as forças da natureza, como superar a fragilidade individual ou grupal, como entender os sonhos que se apresentam à mente durante o sono, como explicar a morte e como obter as forças extraordinárias de alguém que já morreu. Nestas formulações, percepções agregam informações que, quando compreendidas e interpretadas, podem se tornar crenças e como tais prescrever condutas e punições. Essas questões estão subjacentes aos relatos das antigas culturas da Mesopotâmia, do Egito, de Israel, da China e da Índia, e às suas influências. A cultura egípcia influenciou a grega e a judaica que, por sua vez, moldaram o pensamento ocidental. As culturas chinesa e indiana desenvolveram suas próprias filosofias que são estudadas e cultuadas até os dias de hoje. Além disso, não se pode deixar de considerar as crenças dos africanos, dos ameríndios, e dos aborígenes australianos. Todas essas tradições apresentam aspectos comuns, mesmo havendo variações entre elas. As contribuições

desses povos continuam presentes e são invocadas pelas mais diversas religiões e movimentos de autoajuda.

A estrutura do argumento mitológico auxilia na compreensão da pertinência das quatro perguntas. Em geral, as mitologias são demarcadas por questões sobre o cosmo, a natureza, o movimento, e os corpos capazes de se moverem. Esses corpos se diferenciam em complexidade e, no caso do corpo humano, esses movimentos são impulsionados por desejos e paixões, vontade e deliberação. Essas culturas atribuíam aos corpos uma condição intangível que seria o elo entre o corpo e o cosmo. A condição intangível é a alma ou espírito. Destacam-se nestas teorias: a justificação da unidade entre o cosmo e o corpo, o retorno do intangível ao cosmo, e a reencarnação cuja crença entendia que o intangível (a alma) retornaria à vida em outro corpo. As diferentes culturas reconheciam esses desdobramentos de alguma maneira, inclusive identificando e nomeando as suas partes e sequenciamento.

Entre as culturas antigas, dois exemplos ilustram como conceitos ontológicos se organizam em partes e que efeitos podem ter sobre os indivíduos. As crenças religiosas egípcias, uma cultura cuja história é contada desde 5000 a. C., partiam da existência de uma alma imortal. Essa alma dividia-se em muitas partes, entre as quais podemos citar Khat - o corpo físico; BA - o corpo etéreo que é alma separável do corpo físico; e KA - a alma ligada ao intelecto, desejos e intenções e que permanecia após a morte. Uma aplicação curiosa desta ontologia (ética) era a exigência de que se desse nome aos recém-nascidos para que eles pudessem completar a existência na terra (David, 2002). Entre as culturas pré-416

colombianas, os astecas, que habitavam onde hoje é o México, obedeciam a uma crença metafísica de que o Sol jamais poderia perder a luz e o calor. Assim, para manter o Sol vivo era necessário alimentá-lo com sangue humano. A ética decorrente era cumprir o ritual (a crença) de sacrificar humanos cujo sangue derramado alimentaria o Sol que continuaria iluminando e aquecendo a Terra (Séjourné, 1957). O exemplo mostra como uma visão metafísica determinava uma ética (práxis).

NAS PSICOLOGIAS DA GRÉCIA ANTIGA E DO CRISTIANISMO MEDIEVAL

A cultura da Grécia Antiga ilustra como se deu a passagem das explicações mitológicas para as explicações naturalistas. As mitologias foram descritas nos poemas de Hesíodo, uma das principais fontes da tradição religiosa grega, e nos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia* de Homero. As explicações naturalistas foram propostas pelos filósofos pré-socráticos (Sécs. VII-V a. C.), dos quais o primeiro deles foi Tales de Mileto cujo interesse era saber qual a matéria-prima básica do cosmo (metafísica), por meio de observações e não de crenças religiosas. Assim, esses filósofos discutiam se a força geradora de todas as coisas era a água, o fogo, o ar ou uma essência infinita e indefinível denominada de *ápeiron*. O que importa aqui é destacar o lugar da ontologia (metafísica) como primeira exigência a ser atendida quando se propõe uma explicação. A segunda exigência é a justificativa para o reconhecimento de tal princípio que é a tarefa da epistemologia, no caso, havia uma disputa entre o conhecimento vindo da observação

da experiência ou da dedução lógica. Pitágoras partiu da experiência, ou seja, do que pode ser observado e medido. Para ele, tudo poderia ser compreendido pelos números e pelas relações matemáticas; Heráclito partiu da razão, argumentando que tudo está em fluxo constante e em permanente mudança; e Parmênides, outro pré-socrático, justificou suas posições pelo pensamento racional, entendendo que os conhecimentos fornecidos pela experiência são imperfeitos e contraditórios. O mais interessante no período pré-socrático é como se sobressaem o conceito de objetividade, presente nos critérios e medidas para a observação da natureza (os físicos); de subjetividade, caracterizado na criação de argumentos de acordo com as conveniências (os sofistas); e na ética, justificado na necessidade do conhecimento de si mesmo (Sócrates).

Neste mesmo período pré-socrático desenvolvia-se a medicina grega cujo primeiro nome é Alcmeão de Crotona (Séc. V a. C.), um discípulo de Pitágoras. Ao que se sabe, Alcmeão foi o primeiro a dissecar humanos, tendo constatado que vias sensoriais estavam ligadas ao cérebro. Assim, entendeu que a vida psíquica era uma função cerebral. A história desta medicina é pertinente para a psicologia do século XXI, na qual a relação entre processos cognitivos e neurológicos tem avançado consideravelmente (Castro & Fernandes-Landeira, 2011). Contudo, os maus tratos que estes conhecimentos sofreram ao longo do tempo alertam-nos para as interferências de negacionismos à ciência oriundos de tendências religiosas e políticas. Por exemplo, a dissecação de cadáveres foi proibida pelo cristianismo durante muitos séculos (Ghosh & Chakraborty 2015). No

418

islamismo, ao contrário do cristianismo, as obras gregas foram preservadas e desenvolvidas, principalmente entre os séculos VII e XV ou XVI, e a dissecação de cadáveres foi praticada com cautela para fins de estudos científicos (Alghamdi, Ziermann & Diogo, 2017).

A comparação do pensamento psicológico dos gregos Platão e Aristóteles com os cristãos Agostinho e Aquino ilustra a operatividade das nossas quatro perguntas em organizar estruturas teóricas. Agostinho inspirou-se na filosofia de Platão e Aquino na filosofia de Aristóteles. Essas filosofias medievais traziam diferentes visões sobre a vida psíquica. Por exemplo, Platão, no *Fedro*, partia de um entendimento de que a vida psíquica procedia de uma alma incorpórea essencialmente moral, constituída por reminiscências. Tais reminiscências seriam uma forma de racionalismo mítico no qual conhecer a verdade é lembrar de um estado anterior de convívio com os deuses do qual procederiam as ideias. Em contraste, Aristóteles definia a alma como o princípio de vida que coordenava as relações entre os apetites, as sensações e o intelecto de um corpo unitário. No medievo, temos em Agostinho o entendimento de uma alma como dádiva do Criador e em Aquino a proposição de uma alma imaterial, mas unida ao corpo e orientada ao mundo natural (Mueller, 1960/1968).

Essas comparações mostram como as tradições dos autores e suas prioridades orientavam as formulações gerais da teoria. Por exemplo, Platão vinha de uma tradição socrática e seu trabalho buscava conferir um status ontológico ao conceito de alma como essencialmente moral. Aristóteles vinha de uma tradição empírica e buscava fundamentar a definição de uma

realidade estável e harmoniosa na qual as partes eram coordenadas pelo conjunto. Uma outra diferença, era que Platão desenvolvia uma metodologia para o estudo da astronomia (matemática), e Aristóteles aplicava sua metodologia ao estudo da natureza (observação dos seres vivos). Já Agostinho e Aquino vão reler os gregos Platão e Aristóteles, respectivamente, na ótica cristã e desta forma procuraram manter a tradição dos filósofos que os inspiraram, mas com os ajustes necessários para adaptá-las à fé cristã. A aplicação das quatro perguntas ao pensamento de Platão, Aristóteles, Agostinho e Aquino estão esquematizadas comparativamente na Tabela 1.

Tabela 1

Comparação das psicologias da Grécia Antiga e do Cristianismo Medieval

Filósofos → Divisões da Filosofia ↓	Platão (428/427 - 348/347 AEC)	Aristóteles (384-322 AEC)	Agostinho (354-430)	Aquino (1225-1274)
Ontologia	- Alma constituída por duas substâncias: 1) Material (nutritiva e sensitiva); 2) Imaterial (intelectiva) - A Alma intelectual, é imortal e preexiste ao corpo Ontologia dualista	- Alma e corpo são entidades justapostas e inseparáveis, unificando o nutritivo, o sensitivo e o intelectual. Ontologia monista	- Alma análoga à trindade divina: - A alma se diferencia em suas funções: 1) Princípio vital (originado em Deus) 2) Vida sensitiva (anima, corpo) 3) Capacidade pensante humana (animus) Ontologia dualista.	- Alma como incorporeal e imortal, produzindo os movimentos e ações corporais. Ontologia dualista revista
Gnosilogia	- Da razão (formas ideais) para a experiência (mundo dos sentidos) - As sensações fornecem	- Da experiência para as ideias - O conhecimento procede das impressões	- As ideias decorrem da vivência subjetiva pelo acesso imediato à experiência	- As ideias decorrem do mundo sensível criado por Deus

	um conhecimen to imperfeito (sombras) - Conhecer é um modo de rememoraç ão de formas ideais inatas (reminiscências)	sensoriais e da reflexão - Conhecer é observa e formar bons hábitos	a consciente	
Lógica	- Dedução das formas, das estruturas eternas pela dialética e pela matemática para a alcançar a permanênci a, a identidade, a forma perfeita e universal Lógica Racionalist a (Regra + Caso = Resultado)	- Indução da experiência pela observação , pelas evidências fornecidas pelos sentidos. - Silogismo: $P \rightarrow Q, Q \rightarrow R \mid P \rightarrow R$ Lógica Empirista (Caso + Resultado = Regra)	- O pensar correto procede da iluminaçã o de Deus - A verdade depende da descobert a de regras pelo pensamen to, podendo ser diferente do fato empírico Platonism o cristão	- Da indução para a dedução: apreensão dos incomplet os; análise que conduz a certeza; dialética que conduz ao provável; e raciocínio que vai do conhecido ao ignorado. Aristotélic a-cristã
Ética	- Alcançar o bem absoluto via libertação da alma e, por consequinte , a vida	- Educar os sentidos e a razão para atualizar a perfeição originária, a finalidade	- O bem é alcançado pela graça divina, mas os humanos são responsáv	- O bem é alcançado amando ao próximo e a Deus. Os desejos de

	virtuosa. Superar as tendências do corpo com uma vida temperante e inibir apetites e desejos intemperan tes pela reflexão.	das nossas vidas, que é busca da virtude e do bem.	eis pelos seus atos	imortalida de se justificam pela natureza imortal da alma
--	--	--	------------------------	---

NAS PSICOLOGIAS DE JOHN LOCKE E BENEDICTUS DE SPINOZA

O mesmo exercício pode ser realizado com pensadores da filosofia moderna cujo foco será a valorização da individualidade e a substituição da certeza divina pela dúvida metodológica. René Descartes (1596-1650) inaugurou uma nova maneira de filosofar, com o mérito de agradar tanto aos conservadores religiosos, preservando o conceito do Deus judaico cristão, quanto aos inovadores científicos, fundamentando a matemática e a física. Contudo, tal conciliação complicou a compreensão das relações entre mente e corpo até aos dias de hoje, haja visto a resistência de muitos segmentos da psicologia às neurociências. Nas *Meditações Metafísicas*, Descartes apresentou uma nova versão para a ontologia dualista:

E, enfim, todos os outros se renderão facilmente a tantos testemunhos e não haverá mais ninguém que ouse duvidar da existência de Deus e da distinção real e verdadeira da alma humana com o corpo (Descartes, 1641/2005, p. 10).

Estava posta uma ontologia dualista que levou quase três séculos para ser superada, mas ainda permanece presente no imaginário social, terapêutico e religioso. Aos filósofos que vieram depois caberia sustentar a conceituação de Descartes ou substituí-la por um novo entendimento. É o que procurarão alcançar Benedictus de Spinoza e John Locke. Os dois filósofos nasceram no mesmo ano de 1632, Spinoza na Holanda, filhos de pais judeus portugueses; Locke na pequena vila de Wrington na Inglaterra, filho de pais puritanos. Os dois livros mais representativos destes pensadores estão organizados na sequência na qual se inspira o modelo para a análise estrutural de teorias. Para tanto, basta ver como estão organizados o *Ethica* de Spinoza (1677/2007), e o *Essay Concerning Human Understanding* de Locke (1690/1975).

A PSICOLOGIA DE SPINOZA

O livro *Ética* de Spinoza (1677/2007) está organizado em cinco partes. A Parte I trata da questão metafísica do que é Deus que, numa perspectiva naturalista e panteísta, é apresentado como a substância primeira, única, com atributos ilimitados. Destes atributos, dois são conhecidos: a substância pensante (mente) e a substância extensa (corpo). Esses atributos comunicantes vão se modificando simultaneamente. Assim, todas as coisas são animadas em diferentes graus e operam de acordo com a ordem perpétua e as leis fixas da natureza. Sendo que esta ordem dinâmica, o *conatus*, é definido por Spinoza como Deus.

Na Parte II já se pode vislumbrar uma especificação ontológica sobre a origem e a natureza da

mente. A relação entre mente e corpo é entendida como dois atributos da substância primeira, sendo que quando um atributo é modificado o outro se modifica do mesmo modo. Com essa modificação simultânea, Spinoza sustenta sua proposição da unidade entre mente e corpo. Nesta Parte II também se encontram as considerações gnosiológicas sobre conhecimento adequado e inadequado. A descrição gnosiológica inicia com a demonstração de que a ideia de um dado objeto é a primeira manifestação da mente humana. As ideias decorrem das diferentes posições e arranjos do corpo, podendo avançar de ideias simples para ideias complexas. As afecções do corpo produzem ideias que fazem com que a mente tenha ideias sobre ela mesma, sendo que a ideia da mente está unida a ela mesma, do mesmo modo que a mente está unida ao corpo. As ideias podem ser afetadas pela presença de outros corpos e podem ter conhecimento incompleto das partes que compõem o próprio corpo e os corpos exteriores. O conhecimento adequado vem das ideias que estão em concordância com o objeto ideado.

Na Parte III o autor se concentra na ação, abordando a origem e a natureza dos afetos e das ideias dessas afecções. Afeto é definido como as “afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza 1677/2007, p. 163). Contudo, convém diferenciar afeto (*affectus*) de afeição (*affecto corporis*), sendo que afeto se refere a um objeto concreto do desejo que é sempre a ideia de uma afeição do corpo.

No prefácio da Parte III, Spinoza reafirma a lógica que orienta seus argumentos, como mencionado na apresentação das cinco partes do seu livro, que é o método geométrico:

A esses [referindo-se àqueles que ridicularizam os afetos e as ações dos homens] parecerá, sem dúvida surpreendente que eu me disponha a tratar dos defeitos e das tolices dos homens segundo o método geométrico, e queira demonstrar, por um procedimento exato, aquilo que eles não param de proclamar como algo que, além de vão, absurdo e horrendo, opõe-se à razão (Spinoza, 1677/2007, p. 161).

Nas Partes IV e V, Spinoza discorre sobre as implicações éticas da sua ontologia ao tratar da servidão ou da força dos afetos, na qual trata da impotência humana para regular e refrear os seus pensamentos e ações, contrastando com a potência de superação do intelecto ou da liberdade humana. Liberdade é entendida como a felicidade que procede do conhecimento verdadeiro e dos afetos que aumentam a capacidade de agir. Deste modo, a sugestão para a aplicação de sua teoria estaria na educação dos afetos, tendo como meta aperfeiçoar o conhecimento e o autodiscernimento.

O pensamento psicológico de Spinoza representa um avanço considerável para o seu tempo, mas o impacto da sua teoria ocorreu muito depois. É um desses casos de rupturas na história, desde que a sua influência para outros pensadores não foi imediata. O livro *Ética* foi escrito em latim em uma época na qual a linguagem vernacular tornava-se dominante, e ainda enfrentou forte resistência de judeus e cristãos dado a sua redefinição do

conceito de Deus, ou seja, Deus é a universalidade da natureza e a causa de todas as coisas. A influência do seu pensamento alcançará a psicologia pelos meados do século XIX, sendo hoje considerado como o filósofo da psicanálise (Hearnshaw, 1987) e da psicofisiologia (Mueller, 1960/1968). Chauí (1995) ressaltou que o pensamento de Spinoza continua sendo muito contemporâneo.

A PSICOLOGIA DE LOCKE

O *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* de Locke⁵⁸ (1690/1975) está organizado em quatro livros. O Livro I aborda o problema ontológico, em que Locke se opõe a Descartes, rejeitando o conceito de ideias inatas. Sua justificativa é que a mente humana se apresenta como uma substância vazia e pronta para ser preenchida pela experiência. Contudo, Locke mantém a dualidade entre corpo e mente, mas entendendo haver entre elas uma relação natural. Não se pode dizer que Locke simplesmente rompeu com as preocupações ontológicas. Ele redefiniu o foco, tomando como objeto o ato cognitivo (a ideia como unidade), considerando as operações da mente (as ideias complexas), e as ações humanas como impulsionadas pela busca do prazer.

O Livro II é por excelência um estudo gnosiológico no qual Locke trata da aquisição do conhecimento, isto é, de onde procedem as ideias. Ideia é qualquer coisa que se apresente ao entendimento humano, ou que o humano venha a pensar, podendo ser simples ou complexas. As

⁵⁸ Como consta na tradução para o português de Eduardo Abranches de Soveral, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

ideias simples se originam da experiência pelas sensações, pela reflexão (percepção, pensamento, imaginação, dúvida, crença e vontade), e por ambas conjuntamente (prazer, dor, poder, existência). As ideias complexas decorrem das operações mentais cujo acesso se dá pela análise reflexiva (introspecção) (Ver Locke, 1960, II.1.4). Boring (1950) destacou que o conceito de ideia serviu de objeto para diferentes teorias psicológicas. A ideia serviu de objeto para a psicologia introspeccionista de Wundt, para a psicologia do pensamento sem imagem da Escola de Würzburg, para a psicologia hórmica de William McDougall (1871-1938), para a psicologia estruturalista de Edward Titchener (1867-1927), que tomou as ideias como significação (*meaning*). Eu diria que essa comparação de Boring é uma boa ilustração do que se entende por redefinições ontológicas, quando determinados conceitos, sejam eles factuais ou fenomênicos, são tomados como objetos de estudo. No Livro II, Locke ofereceu uma das mais brilhantes definições de *self*. Para ele, o *self* é simplesmente a consciência pensante (ver Locke 1975, II.27.17). Essa surpreendente definição refere-se ao *self* como processo semiótico, o que será retomado mais tarde por William James (1842-1910), Charles Sanders Peirce (1839-1914) e George Herbert Mead (1863-1931) (ver Wiley, 1994).

O Livro III, intitulado *Das Palavras*, não costuma ser referido pelos historiadores da psicologia. No entanto, é um importante avanço não só na análise do conceito de ideia como unidade, mas também como aporte empírico para o estudo experimental e o estudo da comunicação interpessoal. Neste livro, Locke introduz

428

uma importante tecnicidade em sua teoria que é o conceito de signo (sinal). Assim, as ideias estão como signos das coisas e as palavras como signos das ideias (*meaning*). Em suas palavras:

Como os homens se servem destes signos quer para registar os seus próprios pensamentos, a fim de auxiliar a memória, quer para produzir as suas ideias, e as expor aos outros, as palavras não significam, pois, na sua primeira e imediata significação, senão as ideias que estão no espírito de quem delas se serve, por mais negligente ou imperfeitamente que essas ideias sejam deduzidas das coisas que se supõe que elas representam. (Locke, 1690/1975, III.2.2, pag. 405) ⁵⁹

A palavra apresenta-se como uma condição factual e empírica para o estudo da produção de sentidos que é, na verdade, mais uma manifestação do pensamento fenomênico de Locke. Na verdade, a compreensão da palavra como empiria fenomênica foi tardia na história da psicologia. Ela acontecerá nos meados do século XX, por influência da antropologia e da filologia (termo de origem grega que quer dizer amor ao estudo da palavra). A partir de então as ciências humanas assentaram suas bases empíricas na palavra, no discurso, nas análises qualitativas e nas suas variações interpretativas.

O Livro IV concentra-se na ética da relação entre o conhecimento e a opinião para mostrar como surgem as mentiras e as falsidades. No pensamento psicológico de Locke, todo o conhecimento imediato decorre de ideias, assim como todos os pensamentos e raciocínios.

⁵⁹ Tradução de Soveral, 1997 (Ensaio, III.2.2, pag. 545-546)

Contudo, estes pensamentos e raciocínios podem enfraquecer a opinião quando sustentados por argumentos da moda, quando circunscritos a doutrinas de seitas e partidos, ou às próprias crenças individuais. Locke privilegia a palavra como o grande veículo da verdade e do conhecimento, porque as palavras servem para comunicar e receber a verdade, assim como é por meio das palavras que nós realizamos a análise reflexiva. Locke argumentou, ainda, que a conduta moral atende a proposições autoevidentes por consequências necessárias tão incontestáveis como aquelas da matemática (ver Locke, 1975, IV.3.18).

A lógica que orientou a argumentação do *Ensaio* (Locke, 1975, I.1.3) foi apresentada logo na introdução e em três passos: 1) saber a origem das ideias e do conhecimento (caso), 2) estimar sua extensão e certeza (resultado), 3) investigar a natureza e os fundamentos da opinião (regra). Esse movimento lógico é indutivo e vai da experiência para a razão. Contudo, a lógica recorrida para justificar a conduta moral apresentada acima foi dedutiva, pois partiu da razão (pressupostos autoevidentes) para a experiência (o que é certo ou errado). A justificativa para essa inversão lógica está no princípio ontológico hedonista de Locke por influência da psicologia de Platão. Por esse princípio, a formação da ideia de bondade e justiça decorre da experiência do prazer e da dor, mas essas são reconhecidas pela análise reflexiva. Do mesmo modo, a defesa ética da igualdade está associada ao princípio da mente como substância vazia. Assim, se todas as mentes nascem vazias, logo todas as mentes nascem iguais (raciocínio dedutivo)

A repercussão do *Ensaio*, publicado em 1690, foi imediata e em várias partes do mundo, recebendo contínuas revisões do próprio Locke, como mostram as publicações de 1694, 1695, 1700 e a de 1706 que reuniu as suas últimas modificações. Em 1697, o *Ensaio* foi traduzido para o francês, contribuindo imensamente para a difusão do pensamento de Locke. A argumentação apresentada sobre o entendimento humano é considerada como a grande propulsora da psicologia empírica, aquela que vai da experiência para a razão. Locke foi um grande apreciador e defensor da ciência. Por conseguinte, é considerado o filósofo da psicologia experimental. As considerações apresentadas sobre o pensamento de Locke ficaram restritas ao *Ensaio* para demonstrar como a organização do livro segue as quatro perguntas que correspondem às quatro divisões da filosofia e compõem a estrutura teórica geral. A obra de Locke abarcou e repercutiu em outras áreas do conhecimento e da vida social, como a política e a tolerância religiosa. Suas ideias foram influentes para constituição dos Estados Unidos da América (Miyamoto, 2016), e para a república no Brasil via ideário da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (Zago, 2005).

COMPARAÇÃO ESQUEMÁTICA DAS PSICOLOGIAS DE SPINOZA E LOCKE

As minhas aulas sobre a história de pensamento psicológico eram ilustradas por mapas teóricos. Um destes mapas comparava a psicologia de Spinoza com a de Locke, conforme consta na Tabela 2. Tal exposição gráfica pode trazer dificuldades iniciais de compreensão,

considerando a descrição em poucas palavras de conceituações complexas. Mas logo o enquadramento estrutural passa a se desvelar como um critério sugestivo para construção e comparação teórica.

Tabela 2
Comparação das psicologias de Spinoza e Locke

Benedictus Spinoza (1632-1677)		John Locke (1632-1704)	
Substância [Ontologia] Natureza do objeto intelectivo		Substância vazia, mas com capacitações intelectivas (como um papel em branco ou uma tábula rasa), movida pela busca do prazer (hedonismo).	
Substância única e ilimitada (Deus), com vários atributos, entre eles, pensamento (mente) e extensão (corpo). Os atributos modificam-se simultaneamente. Conceitos ontológicos: <i>Conatus</i> (dinâmica atualizante) Hedonismo (busca do prazer), Determinismo aristotélico (da causa material à causa final), Eliminação da identidade da alma (espírito, intelecto) pós-morte Ontologia monista substancial		Ontologia dualista mitigada	
Sujeito do Conhecimento [gnosilogia]			
Experiência* 	Consciência	Experiência 	Consciência
Corpo (afecções) Correspondência →	Ideias (das afecções) ← Correspondência	Sentido externo Sensações: ideias simples	Sentido interno Reflexão: ideias complexas
Paralelismo Psicofisiológico		Duplicidade intelectiva	
Explicação [Lógica Ontológica]			
Método Argumentativo		Método Argumentativo	
Geometria, lógica dedutiva (Regra+Caso=Resultado) Racionalismo absoluto Associações para ideias e desejos		Lógica abdutiva (Regra+Resultado=Caso) Empirismo Racional Associações para ideias simples e complexas, por ligação natural, por acaso ou por costume	
Sujeito da Escolha (Ética, Ontoaxiologia)			
Desejo 	Ideia	Desejo 	Ideia

Desejo (aspecto consciente do <i>conatus</i>) Causas do desejo (ignoradas); livre-arbítrio (ilusão) Felicidade: consciência dos desejos e de suas causas reais: do domínio da natureza (corpo) para o domínio do espírito (ideia) Liberdade: felicidade pelo conhecimento verdadeiro e por afetos que levem à ação O prazer enquanto fonte de bem-estar (perfeição) A Psicoterapia seria iluminar ideias confusas com ideias claras	No Ensaio Distinguir opinião de conhecimento Evitar opiniões baseadas em modismos e crenças Educar como usar as palavras No conjunto da obra Defesa da igualdade, do liberalismo e da propriedade A Psicoterapia seria evitar associações irregulares e promover boas associações
---	---

**As setas indicam as relações ou modificações conjuntas entre mente e corpo, corpo e ideia, ideia e ideia, desejo e ideia.*

*** O termo afecção é usado para designar o efeito que um corpo produz sobre outro*

CONCLUSÕES

O estudo da história da psicologia é um dos principais fundamentos da formação do psicólogo. O crescimento da pesquisa em psicologia no Brasil ensejou notável interesse pela área da história da psicologia. Hoje existem grupos de pesquisa em história da psicologia em diferentes universidades, e programas de pós-graduação com este tema entre suas linhas de pesquisa. Ademais, pesquisas brasileiras nas áreas de história e de educação têm contemplado autores e temas relacionados à psicologia. Assim, o Brasil dispõe atualmente de um conjunto expressivo de professores habilitados para o ensino da história da psicologia para cursos de graduação, e um grupo ativo de pesquisadores em história da psicologia atuando em programas de

mestrado e doutorado. O conteúdo geral da disciplina é uma oportunidade de conhecer o desenvolvimento de culturas e povos, de filosofias e artes, e de ciências e tecnologias. Eu acrescentaria ainda que é o estudo do pensamento psicológico que agrega o diferencial humanístico e intelectual ao profissional e ao cientista.

O modelo de análise estrutural de teorias é apenas um recurso instrumental para tornar o ensino atrativo e realístico. Substitui a explanação contemplativa pelo exercício lógico ativo, levando à sala de aula a mesma racionalidade, eu diria, do estudo da matemática. Tal estratégia facilita a comparação entre a posição dos diversos pensadores que construíram a história e dos diversos eventos que levaram à independência da psicologia como ciência e profissão. A análise estrutural é um tipo de exercício axiomático dedutivo capaz de identificar e localizar as partes de uma dada teoria e as suas inter-relações, ressaltando as contribuições históricas, sem deixar de lado os aspectos formais das teorias e as suas implicações éticas. Certamente, a realização de uma análise estrutural para cada pensador seria exaustiva e exigiria demasiado tempo. No entanto, uma vez compreendido o modelo, os seus aspectos estruturais seriam apontados e poderia ensejar maior participação dos estudantes. Em suma, o modelo redimensiona o foco geral da disciplina, cuja atenção move-se das teorias historiográficas para o formalismo consequencial das teorias psicológicas. A história passa a ser contexto para a demarcação das mudanças conceituais e de suas consequências, sejam elas rupturas, continuidades ou ressurgimentos.

A relevância do estudo teórico-histórico para o curso de graduação em psicologia requer uma disciplina organizada em duas grandes partes, ou desejosamente em duas disciplinas. A primeira cobriria dos tempos antigos aos meados do século XIX. A segunda dos meados do século XIX à transição do século XX para o século XXI. Aliás, essa foi a divisão sugerida pelos meus alunos de psicologia da UFRGS e introduzida oficialmente no currículo atual. Entre os compromissos do conteúdo destas disciplinas estão: 1) o diálogo entre pensamento filosófico e o desenvolvimento científico, 2) a criação de universidades no Brasil e a introdução da pesquisa na universidade, 3) o Brasil na história da psicologia e a psicologia no Brasil. Questões concernentes aos métodos e pesquisa em história da psicologia fariam parte de uma disciplina optativa da qual sairiam os participantes do programa de iniciação científica para formação em historiografia.

Em síntese, neste capítulo apresentei um recurso didático para o estudo de história do pensamento psicológico. Trata-se de um modelo para análise estrutural de teorias com o objetivo de facilitar a comparação entre eventos e ideias no decorrer do tempo. O modelo é baseado em quatro perguntas (o quê, como, por quê, para quê), correspondendo às quatro grandes divisões da filosofia: metafísica, epistemologia/gnosiologia, lógica e axiologia. Na verdade, o modelo apenas aponta para o modo como filósofos e teóricos organizam e hierarquizam seus argumentos, como exemplifiquei com os livros *Ética* de Spinoza (1677/2010) e *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* de Locke (1690/1975). Para exemplificar como as

teorias se transformam ao longo do tempo, eu comparei as psicologias da Antiga Grécia de Platão e Aristóteles com aquelas do Cristianismo Medieval de Agostinho e Aquino, com base em Mueller (1960/1968) e Hearnshaw (1987). Ainda argumentei pela pertinência de se iniciar as considerações sobre a história do pensamento psicológico pela mitologia das primeiras civilizações, aqui exemplificada pela cultura egípcia.

O modelo apenas sugere uma possibilidade que pode ser usada de muitas maneiras, por exemplo, ressaltando qual foi o aspecto enfatizado por uma dada teoria, se a ontologia, a gnosiologia, o método, ou a ética. Um aspecto importante do modelo é contribuir para o reconhecimento de manifestações psicológicas antes de qualquer teorização. Enfim, a história do pensamento psicológico é um dos fundamentos da formação da psicóloga e do psicólogo com direito a espaço privilegiado nos cursos de graduação.

REFERÊNCIAS

Alghamdi, M. A., Ziermann, J. M., Diogo, R. (2017). An untold story: The important contributions of Muslim scholars for the understanding of human anatomy. *The Anatomical Record*, 300(6), 986-1008. <https://doi.org/10.1002/ar.23523>

Ballantyne, P. F. (1993). Unity and diversity of subject matter or pluralism? In *Annual Meeting of Cheiron*, 24st. New Hampshire: USA. Recuperado em 02 de abril, 2019, de <http://www.comnet.ca/%7Epbballan/Unityvsplural.html>.

Bastide, R. (Ed.), (1972). *Sense et usages du terme 'structure' dans les sciences humaines et sociales*. The Hague: Mouton.

Bellino, F. (1997). Fundamentos da bioética: Aspectos antropológicos, ontológicos e morais. Bauru, SP: Edusc

Boring, E. G. (1950). *History of experimental psychology*. New York: Appleton, Century, Crofts. (Original publicado em 1929)

Brett, G. S. (2013). *A history of psychology*. New York: Routledge. (Original publicado em inglês, entre 1912 e 1921)

Castro, F. S. & Landeira-Fernandez, J. (2011). Alma, Corpo e a Antiga Civilização Grega: As Primeiras Observações do Funcionamento Cerebral e das Atividades Mentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 798-809. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400021>

Chauí, M. (1995). *Espinosa uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna

Curry, A. (2008). Gobekli Tepe: The world's first temple? *Smithsonian Magazine*.
<https://www.smithsonianmag.com/history/gobekli-tepe-the-worlds-first-temple-83613665/>

David, R. (2002). *Religião e magia no Antigo Egito* (A. Machado, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Descartes, R. (2005). *Meditações metafísicas* (H. Santiago, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em latim, 1641.)

Feibleman, J. K. (1954). Theory of Integrative Levels. *British Journal for the Philosophy of Science*, 5, 59-66.
<http://dx.doi.org/10.1093/bjps/V.17.59>

Ferrater Mora, J. (1988). *Diccionario de filosofia* (4 vols). Madrid: Alianza Editorial

Frazer, J. G. (2009). *The golden bough: A study of magic and religion*. Auckland, Nova Zelândia: The Floatin Press. (Original publicado em 1890)

Ghosh, S. K., & Chakraborty, S. (2015). Human cadaveric dissection: A historical account from ancient Greece to the modern era. *Anatomy & Cell Biology*, 48(3), 153-169. <https://doi.org/10.5115/acb.2015.48.3.153>

Gomes, W. B. (2021). Pluralidade de objeto versus pluralismo de concepções em teorias psicológicas. *Memorandum* 38. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2021.25462>

Greenwood, J. D. (2009) *A conceptual history of psychology*. New York: McGraw-Hill

Hartmann, N. (1953). *New ways of ontology* (R. C. Kuhn, Trans.). New York: Routledge (Publicação original em alemão, 1949, com tradução para o inglês em 1953)

Hearnshaw, L. S. (1987). *The shaping of modern psychology*. London: Routledge

Hilgard, E. (1987). *Psychology in America: A historical survey*. San Diego, CA., Harcourt Brace Jovanovich, Publishers.

Hjelmslev L. (1961) *Prolegomena to a theory of language* (F. J. Whitfield, Trans.). Madison, Wisconsin: UP. (Original publicado em alemão, 1943).

Lanigan, R. (1992). Communicology: An encyclopedic dictionary of the human science. In R. Lanigan (Appendix B), *The human science of communicology* (pp. 197-236). Pittsburgh, PA.: Duquesne University Press.

Locke, J. (1975). *Essay concerning human understanding* (P. H. Nidditch, Ed.). Oxford: Clarendon Press. (Original publicado em 1690) (Tradução disponível para o português, 2014)

Miyamoto, M. (2016). *Political legacy: John Locke and the American Government*. [Bachelor of Science's thesis, Department of Political Science, and the Robert D. Clark Honors College]. University of Oregon

Mueller, F. L. (1968). *História da psicologia* (L. L. de Oliveira, M. A. Blandy & J. B. Damasco Penna). São Paulo, Companhia Editora Nacional/Editora da USP. (Original publicado em francês, 1960)

Resolução CNE/CES 8/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de maio de 2004, Seção 1, p. 16-18.

Resolução CNE/CES 5/2011. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de março de 2011, Seção 1, p. 19.

Resolução CNE/CES 1/2023. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de outubro de 2023, Seção 1, p. 55.

Séjourné, L. (1957). *Pensamiento y religion en el México antiguo*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica.

Spinoza, B. (2010). *Ética* (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra escrita em latim, 1675, publicada em 1677)

VandenBos, G. R. (Ed.). (2015). *APA dictionary of psychology*. Washington: APA

Wiley, N. (1994). *The semiotic self*. Chicago: The University of Chicago Press.

Wundt, W. (1916). *Elements of folk-psychology: Outlines of a Psychological History of the Development of*

Mankind (E.L. Schaub, Trans.), London: Allen. (Original publicado em alemão: *Elemente der Völkerpsychologie*, 1912). Recuperado de <https://archive.org/details/elementsoffolkps00wunduoft/page/xvi>

Zago, S. M. (2005). A República Rio-Grandense e a Formação do Estado Nacional: uma Análise Teórica. *Revista Sociais e Humanas*, 18(2), 109-120. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1401>

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritorodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

